

## **Consumo midiático de jovens cametaenses: pesquisa exploratória na cidade de Cametá e na comunidade Rio Furtados<sup>1</sup>**

Maria Ataíde MALCHER<sup>2</sup>

Netília Silva dos Anjos SEIXAS<sup>3</sup>

Weverton RAIOL<sup>4</sup>

Felipe Jailson Souza Oliveira FLORENCIO<sup>5</sup>

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

### **Resumo**

O presente artigo apresenta um relato com os primeiros achados de pesquisa de campo realizada pela Universidade Federal do Pará com jovens de 15 a 24 anos no município de Cametá, no estado do Pará, tanto no centro urbano quanto na comunidade Rio Furtados, localizada na área rural. Neste primeiro movimento de análise, trazemos os dados contextuais sobre a realidade do município, as orientações teórico-metodológicas da pesquisa e observações sobre o consumo midiático dos jovens participantes da pesquisa, a partir de dinâmicas de grupo e entrevistas.

**Palavras-chave:** Consumo midiático; Jovens; Cametá; Pará.

### **A “entrada” no campo**

Este é um relato com parte do que foi observado e vivenciado pela equipe de pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) em pesquisa exploratória de campo no município de Cametá (Pará)<sup>6</sup>.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP América Latina, Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisadora Líder do Grupo de Pesquisa em Processos de Comunicação (Pespcom) e coordenadora do Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia da Assessoria de Educação a Distância da UFPA. E-mail: ataidemalcher@uol.com.br.

<sup>3</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisadora Líder do Grupo de Pesquisa em História da Mídia na Amazônia (MídiAm) e coordenadora do Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia da Assessoria de Educação a Distância da UFPA. E-mail: netilia@uol.com.br.

<sup>4</sup> Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos de Comunicação (Pespcom) e colaborador do Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia da Assessoria de Educação a Distância da UFPA. E-mail: weverton.raiol@gmail.com.

<sup>5</sup> Mestrando em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos de Comunicação (Pespcom) e colaborador do Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia da Assessoria de Educação a Distância da UFPA. E-mail: fjailsonn@gmail.com.

<sup>6</sup> Além de autores deste artigo, a equipe da pesquisa de campo em Cametá foi realizada por integrantes de diferentes níveis de formação e competências. A doutoranda Fernanda Chocron Miranda (que também integra a equipe da UFRGS); a bolsista de iniciação científica Lorena Emanuele da Silva Santos; dois profissionais de produção audiovisual Marcelo Rodrigues Silva e Marcus Anderson Batista Leal; a jornalista Julia Marina Quemel Matta; e a auxiliar administrativo Arlene Cantão Costa. A equipe contou também com dois apoiadores locais: a mestra formada pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA, Marcilene do Carmo de Oliveira Miranda, nascida em Cametá, vinculada ao grupo de pesquisa da equipe do Pará e atualmente professora na Escola Júlia Passarinho; e seu marido Edenilson Valente Miranda que é nascido em Rio Furtados, a comunidade selecionada para visita. A presença desses apoiadores foi fundamental para o conhecimento prévio dos locais a serem visitados, tanto em Cametá quanto na comunidade.

Essa foi a experiência de campo “piloto” da 1ª fase do projeto de pesquisa “*Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência (PROCAD)*”<sup>7</sup>, que pretende estudar, verticalmente regiões do país que sejam mais afastadas dos grandes centros metropolitanos. Nesta fase, a proposta foi entrar em contato com jovens residentes em realidades distantes da capital, nas áreas rurais de municípios de pequeno porte. Para isso, foi definida uma série de critérios para a escolha de cidades nas quais cada uma das equipes envolvidas no projeto (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Pará e Universidade Federal de Sergipe) deveria fazer uma visita exploratória, a fim de ter a primeira experiência com essas realidades e, a partir dela, delinear as abordagens metodológicas mais apropriadas para o desenvolvimento das etapas seguintes da pesquisa. Entre os critérios, estava a necessidade de ser um município predominantemente rural, de acesso limitado à internet, entre outros.

O município escolhido no Pará foi Cametá e, mais especificamente, a comunidade conhecida como Rio Furtados. A viagem de campo teve uma imersão de seis dias no mês de setembro de 2016.

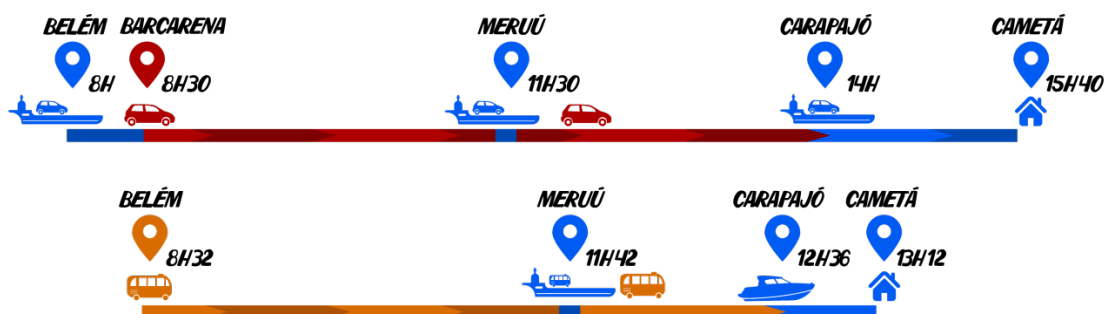
#### *Logística e viagem até Cametá*

A principal forma de acesso à Cametá é pela combinação de transporte terrestre/fluvial. Em nosso caso, o deslocamento Belém-Cametá, para início da pesquisa de campo, se deu em grupos, dois usando micro-ônibus ou ônibus de linha e outro, carro alugado para transporte de equipamentos de gravação e filmagem. A proposta de divisão das equipes foi no sentido de explorar e observar as duas possibilidades de acesso ao município. Em média, as viagens para Cametá duram cerca de 7 horas. Em ambos os trajetos, o percurso rodoviário se faz por estrada asfaltada e travessias por balsas nos trechos de rio em que não há pontes, conforme detalhamento na Figura 1.

---

<sup>7</sup> O projeto “Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência” (PROCAD) é financiado pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a partir de aprovação no edital 071/2013. Se configura enquanto uma parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal do Pará (UFPA) e a Universidade Federal de Sergipe (UFS). O objetivo é conhecer e comparar as realidades das regiões brasileiras no que diz respeito aos usos que os jovens fazem de recursos multimidiáticos, tais como televisão, rádio, celular, Internet, entre outros.

Figura 1 – Tempo e tipo de transportes utilizados na viagem para Cametá



Fonte: Elaborada pelos autores.

### (Re)conhecendo Cametá

Para chegar a campo, era necessário ter previamente uma noção contextualizada do local para onde se estava indo. Para tanto, foram acionadas experiências de pesquisa anteriores do grupo sobre o local (MALCHER *et al*, 2016). Nessas experiências foi possível fazer o levantamento de dados secundários a respeito de Cametá, os quais proporcionaram conhecer sua história, suas condições demográficas e socioeconômicas, configurando assim um ponto de partida sobre o qual se assentou o olhar para o município. Nesse processo, foi levado em conta não somente a pesquisa de dados secundários coletados em instituições de pesquisa, mas também outras fontes de memória, como a história oral, muito rica para a compreensão de realidades que ainda não foram registradas.

### *A decisão por Cametá*

Dentre os anos de 2012 a 2015, nossa equipe realizou uma pesquisa em nível estadual, intitulada “*Jovens em tempo de convergência: pesquisa exploratória de recepção dos usos e apropriações de recursos multi-midiáticos no Pará-Amazonia-Brasil*”<sup>8</sup>. A aprovação desse projeto se deu entre os esforços de pesquisa com jovens no âmbito da Rede Brasil Conectado<sup>9</sup>, e a proposta de sua criação foi obter recursos para ampliar e aprofundar a pesquisa nacional no Pará, considerando que o Estado vive realidades marcadas por reivindicações de separação em pelo menos quatro diferentes regiões e estas não seria contempladas no protocolo a ser seguido na Rede.

<sup>8</sup> Financiado pelo CNPq, via Edital MCTI/CNPq nº 14/2012 (modalidade Universal - Faixa B).

<sup>9</sup> Rede coordenada pelas professoras Nilda Jacks e Mariângela Toaldo, formada por grupos de pesquisadores de todos os 26 estados brasileiros e que desenvolveu, em âmbito nacional, o projeto de pesquisa “Jovem e Consumo Midiático em Tempo de Convergência”.

Assim, a partir desse investimento de pesquisa, foram realizadas diversas etapas de orientação quantitativa e qualitativa, em alguns casos alinhadas às etapas da Rede, com foco em jovens residentes de oito municípios paraenses<sup>10</sup>, considerando as propostas de fragmentação do Estado. É importante destacar que nessa seleção de municípios, foram contempladas as maiores cidades de cada região do Estado e que se tornariam capitais caso o território fosse efetivamente dividido, assim como cidades de pequeno e médio porte, mas com população majoritariamente residente nas áreas rurais, como é o caso de Cametá. Entre os oito municípios investigados, Cametá possuía o maior percentual de jovens em sua população, o que, além de questões logísticas e viabilidade de acesso, definiu a escolha pelo aprofundamento na realidade desse local.

#### *Dados históricos, demográficos e socioeconômicos do município*

O município de Cametá pertence à Mesorregião do Nordeste Paraense e à Microrregião de Cametá. Está localizado a aproximadamente 147 quilômetros em linha reta de Belém, a capital do Pará. Atribui-se a Frei Cristóvão de São José, um frade capuchinho, o episódio da fundação, por volta do ano de 1620, do primeiro povoado naquela região: sítio Camutá Tapera.

A sua população, de acordo com o censo demográfico do IBGE (2010), é de 120.896 habitantes, dos quais 52.838 residem em área urbana e 68.058 em área rural. Essa característica de uma população rural maior do que a população urbana é comum em 77 municípios do Pará, mas não em todo Brasil atualmente. Considerando a divisão da população entre crianças, jovens, adultos e idosos, temos 42.952 crianças (35,53%), 26.172 jovens (21,65%), 42.683 adultos (35,3%) e 9.089 idosos (7,52%). Os dados sobre religião mostram o predomínio do Católico Apostólico Romano com 82% de adeptos, seguida por 13,48% de evangélicos, enquanto 3,67% se declararam sem religião.

O nível de escolaridade revela que 67,43% dos seus habitantes possui apenas o ensino fundamental incompleto ou é sem instrução. O município possui um Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 379.606,00 e PIB per capita de R\$ 2.417,00. O valor médio do rendimento mensal é de R\$ 291,55. Além disso, considerável parcela da população (18,15%) vive apenas com meio salário mínimo.

---

<sup>10</sup> As cidades investigadas foram: Belém e Cametá, localizadas no que seria o “Novo Pará”, caso a divisão do Estado tivesse sido aprovada no Plebiscito em 2011; Marabá e Itupiranga, no que seria o Estado de Carajás; Santarém e Monte Alegre, no novo Estado do Tapajós; Breves e Melgaço, caso também fosse criado um Estado com os municípios que compõem hoje o Arquipélago do Marajó.

Segundo o site Donos da Mídia, o município de Cametá possui 5 veículos oficiais de Comunicação: 2 emissoras de TV e 3 emissoras de rádio. Quanto à estrutura midiática digital, o censo do IBGE (2010) verifica que 1.709 dos domicílios possuem microcomputador; desses, 724 possuem acesso à internet; já o celular está presente em 14.246 (as operadoras de celular são quatro: Tim, Vivo, Claro e Oi). No que diz respeito à TV, o censo mapeou 18.312 domicílios. Por sua vez, os domicílios com rádio são 6.911.

### *Relação entre o urbano e o rural*

O município de Cametá ainda concentra a maior parte de sua população na zona rural, em comunidades ribeirinhas, extrativistas, quilombolas e camponesas. Trata-se de um rural expressivo, com algumas localidades próximas e outras bem afastadas do centro-urbano, onde se chega por via terrestre ou fluvial.

É um local de trânsito constante entre o urbano e o rural, onde as fronteiras entre ambos não são muito claras, já que um carrega um forte traço do outro. Fazem parte do cotidiano dessas populações, práticas que migram de um mundo rural, reconfigurando o modo de vida urbano. O que, segundo Pacheco (2006), é muito comum no processo de formação de alguns municípios amazônicos, que, pelo processo tardio de urbanização – o que não quer dizer atraso – acabam sendo resultado de uma hibridação clara dos hábitos trazidos do viver “na floresta” – em contato com a natureza a partir da qual se tira a subsistência – com as práticas próprias da vida em um centro urbano.

### **Práticas de consumo: orientações teórico-metodológicas e os sujeitos investigados**

Nos estudos de recepção e consumo, o sujeito é agente fundamental do processo. De forma semelhante, para a abordagem relacional que adotamos, a comunicação só acontece no encontro entre sujeitos. Assim, podemos afirmar que, mesmo que haja especificidades em cada uma dessas perspectivas teóricas, é possível convergir, pois ambas defendem “a importância do indivíduo como intérprete do mundo que o cerca e, conseqüentemente, os métodos de pesquisa priorizam os pontos de vista dos indivíduos” (GOLDENBERG, 2015, p. 28).

Dessa forma, a partir das perspectivas teóricas comuns aos estudos de recepção e consumo de mídias (MARTÍN-BARBERO, 2004, 2009; GARCÍA-CANCLINI, 2008) e de trabalhos que compreendem mais detidamente as dinâmicas interacionais em uma

abordagem relacional (FRANÇA, 2006; FRANÇA; SIMÕES, 2014), buscamos compreender as práticas de consumo de mídia dos jovens cametaenses, como sujeitos que gerenciam seus usos e apropriações nos seus contextos de vida e, a partir disso, estabelecem interações comunicativas.

Os estudos de Douglas e Isherwood (2004), Rocha (2005), Miller (2001; 2007; 2013), Slater e Miller (2007) e García-Canclini (2008) apontam que o consumo extrapola a posse material de bens e os fatores econômicos. Assim, podemos pensá-lo como uma relação na qual, a partir de interações comunicativas, os sujeitos se apropriam e produzem sentidos em seu cotidiano. E essa relação se dá com outros sujeitos, mas também consigo mesmo e com as coisas.

Devemos considerar ainda a realidade amazônica e, em contato com esses diferentes cenários empíricos, reconhecer a heterogeneidade da região e do Estado que residimos como elemento fundamental para sua compreensão. Uma das Amazônias que podemos identificar no estado do Pará é da floresta e dos grandes rios – elementos fundamentais para a percepção de mundo das pessoas que nela vivem. São aquelas que Pacheco (2006) identifica como “cidades-floresta”, marcadas pela permanência de práticas e cosmologias – mesmo que reorganizadas – das populações amazônicas tradicionais e milenares, cotidianos em que há uma coatuação entre indivíduo e ambiente, em um “regime das águas”.

### *Estratégias metodológicas*

Com essas premissas teóricas, adotamos recursos metodológicos distintos para contato com os jovens de Cametá, tanto residentes no centro urbano quanto em localidades rurais. Entre eles, destacamos: (i) diário de campo, (ii) observação direta, (iii) observação participante e conversas informais, (iv) entrevista com gravação e filmagem, (v) entrevista sem gravação ou filmagem, (vi) dinâmica de grupo, (vii) reunião interna da equipe e (viii) registros audiovisuais e fotográficos. Os procedimentos, apesar de apresentados separadamente, se entrelaçaram durante a pesquisa de campo, flexibilizando as abordagens conforme demandas da realidade.

Foram realizadas dinâmicas de grupo em uma escola da cidade, a Escola Júlia Passarinho, localizada no centro urbano do município. Ao todo foram realizadas duas dinâmicas de grupo com 55 estudantes do Ensino Médio, com idades de 14 a 26 anos, sendo 31 no primeiro grupo e 24 no segundo. Mais do que seguir o pré-roteiro de

atividades pré-estabelecida, o foco era ouvir os jovens a respeito de seus contextos de vida e, sobretudo, coletar elementos/pistas a respeito de como se dão as lógicas de deslocamento próprias do município de Cametá, no qual rural e urbano estão imbricados e implicam diferentes leituras da relação tempo e espaço.

#### *Os jovens da Escola Júlia Passarinho*

Participaram da primeira dinâmica de grupo, 16 jovens do sexo feminino e 15 do masculino. Já no segundo grupo, foram 16 meninas e apenas oito meninos. Dentre os 55 jovens participantes, 21 residem no centro urbano de Cametá. Os outros 34 são oriundos e residem em 17 localidades rurais diferentes que integram o território de Cametá e uma na zona rural do município de Oeiras do Pará, que faz fronteira a Oeste com Cametá.

Entre as práticas de lazer mais citadas estão: conversar face-a-face ou via redes sociais (Facebook e WhatsApp); dormir; jogar futebol; ir a festas; ir à praia (especialmente para os jovens que residem no centro urbano). Entre as práticas de consumo cultural e midiático estão preferências por: programas de TV, com destaque para conteúdos esportivos e telenovelas; música (gêneros variados, com destaque para gospel) via rádio e celular; filmes (gêneros variados) via aparelhos de DVD; literatura; jogos eletrônicos (em console e no celular). Os estudantes também mencionaram fazer parte de grupos de jovens, sobretudo, ligados às igrejas católica e evangélica – ao todo foram 14 jovens nos dois grupos.

No que concerne às redes sociais, o uso das mesmas e de mensageiros instantâneos é constante. Os mais utilizados são Facebook e WhatsApp, mas também foram citados Instagram e Snapchat, especialmente, pelos jovens que têm disponibilidade de conexão diária, ainda que não necessariamente residam no centro urbano.

Dos 55, apenas seis deles (três de cada grupo) não tinham um aparelho de celular, seja de modelo com menos recursos até *smartphone*. Em ambos os grupos, foram destacados uso do aparelho para: interação em redes sociais, escutar música, tirar e compartilhar fotos e também para falar por voz com familiares e amigos. Ainda que muitos tenham sido considerados pelos colegas ou se autodeclarado “viciados” em celular, os participantes de ambos os grupos destacaram a preferência pelo contato pessoal. Também foi destacado o uso do celular como mídia que viabiliza pesquisas solicitadas pelos professores na escola. Quando precisam fazer algum tipo de busca, a maior parte dos jovens coloca crédito no celular e faz as pesquisas diretamente de casa.

Já o computador não é uma tecnologia muito utilizada, pois o acesso à internet é necessariamente viabilizado pelo celular.

Dos 55 participantes das dinâmicas de grupo, 18 declararam não ter aparelho de rádio em casa, sendo dez do primeiro grupo e oito do segundo. O hábito, porém, de acompanhar a programação das rádios locais se mantém entre os jovens que utilizam o celular para isso. Em ambos os tipos de audiência (celular e/ou aparelho tradicional) o interesse é por notícias sobre o local, bem como por escutar música. Também foi destacado o interesse por conteúdo religioso, com destaque para o das rádios evangélicas. Já no que concerne à TV, todos os 55 declaram ter televisão em casa, sendo que, no segundo grupo, 12 têm inclusive mais de um aparelho televisor na residência. É interessante destacar que para três jovens do segundo grupo, a assistência está condicionada ao uso de gerador de energia particular, já que a localidade onde reside não tem fornecimento regular de eletricidade. Outros 14 participantes do segundo grupo, usam antena parabólica para sintonizar seus aparelhos.

Entre as fontes de informação dos jovens sobre a vida em Cametá e região, foram destacados noticiários veiculados nas rádios e emissoras de TV locais. A mídia impressa não foi citada nesse sentido. Os participantes dos grupos destacaram ainda o papel do Facebook e de mensageiros como o WhatsApp para disseminação rápida de acontecimentos locais.

### *Conhecendo Rio Furtados*

Depois das dinâmicas de grupo na escola, nos deslocamos para uma localidade do interior, a comunidade Rio Furtados. Em três dias de imersão, convivendo com os moradores da comunidade, foram realizadas entrevistas abertas e individuais com jovens, entrevistas e conversas informais com adultos sobre o contexto de vida dos jovens, visita às casas, observação participante em atividades diversas da comunidade, com registro em diário de campo, fotografias, áudios e vídeos. Também foi realizada uma dinâmica de grupo com nove jovens que residem nas comunidades Rio Furtados e Mendaraçú.

Ao todo fizemos contato direto com 36 pessoas: entrevistas com nove jovens (entre 16 e 24 anos) e dinâmica de grupo com nove jovens (entre 13 e 26 anos) que integram o grupo da igreja católica; entrevistas com 11 adultos (líder comunitário, líder religioso, pais, avós e tios de jovens entrevistados, professoras de Ensino Médio etc.) e conversas informais com sete adultos moradores da comunidade.



A comunidade conta com um líder comunitário, o Adulto 1<sup>11</sup>. Com informações dadas por ele durante entrevista, a população de Rio Furtados é de 438 pessoas aproximadamente, um total de 110 famílias distribuídas por 72 casas. Em menos de 15 minutos de “rabeta”<sup>12</sup>, é possível atravessar todo o seu território. A população jovem está dividida entre as seguintes faixas etárias: de 0 a 6, são 40; de 7 a 15, são 64; de 16 a 25, são 85. Ou seja, os 249 restantes são compostos por adultos e idosos. A pessoa mais velha da cidade tem 86 anos.

Entre os moradores da comunidade, a religião Católica é predominante, mas há moradores que frequentam a Assembleia de Deus. A comunidade conta com uma escola de Ensino Fundamental própria – mantida pela Prefeitura Municipal de Cametá –, que atende crianças e jovens dessa e de outras localidades do entorno, incluindo o município vizinho (Mocajuba). Na comunidade, mais especificamente no barracão, é ofertada formação em Ensino Médio, no regime modular, a partir da ida de professores vinculados ao Sistema Modular de Ensino Médio da Secretaria de Educação do Pará (SEDUC).

Sobre a energia elétrica, Adulto 1 conta que foi algo prometido para o município de Cametá e para outros municípios da região, mas cujas promessas não foram todas cumpridas. Quando a energia chegou, foi implementada de modo a abastecer a sede do município de Cametá, mas não as localidades do interior. Até 2014, Rio Furtados e a região ao entorno permaneceram sem acesso regular e a eletricidade era gerada para atividades domésticas a partir de geradores particulares dos moradores, abastecidos a óleo diesel conforme necessidade. A mudança se deu quando os moradores se reuniram para financiar torres e fiação para a distribuição da energia que abastece os centros urbanos de Cametá e Mocajuba em 2014. Esse sistema de energia elétrica implementado é chamado pelos moradores de “gatão”.

Em Rio Furtados também não há oferta regular de serviços de telefonia. O acesso à rede telefônica só é possível a partir do uso de antenas instaladas no topo das casas – recurso que viabiliza a partir de um cabo o recebimento do sinal em um aparelho. Nesse caso, os aparelhos celulares, que se caracterizam pela mobilidade, nas casas das comunidades assumem um papel de telefone fixo e o uso é necessariamente

---

<sup>11</sup> Adulto 1: sexo masculino, tem 46 anos e é líder da comunidade Rio Furtados. Nasceu no centro urbano de Cametá e se mudou ainda criança para a comunidade, onde reside até então. É casado e tem dois filhos, jovens de 21 e 19 anos, ambos do sexo masculino.

<sup>12</sup> Tipo de embarcação pequena, sendo o casco de madeira no formato de uma canoa, mas controlada por motor acoplado à popa do barco, o que substitui o uso dos remos.

compartilhado. Desse modo, para a maior parte dos moradores o acesso à internet se dá pelo celular, mas quando vão até o centro urbano, onde “pega” o sinal.

No período da pesquisa, porém, fomos informados de um projeto de instalação de sinal de internet em toda a comunidade e localidades vizinhas, que está sendo liderado por um jovem de Rio Furtados, o nosso entrevistado Jovem 1<sup>13</sup>. Por conta disso, a expectativa dos jovens com os quais conversamos era visível e Jovem 1 foi citado inúmeras vezes. Tanto é que, no período da pesquisa de campo, antes mesmo de chegarmos a Rio Furtados, várias pessoas já tinham indicado que não poderíamos sair de lá sem conversar com ele, pois seria o responsável por levar internet para a comunidade.

O projeto de instalação, segundo Jovem 1, começou pelo fato do serviço de Internet que ele dispunha desde 2013 ter começado a apresentar problemas já que o provedor que o atendia estava parando de funcionar. Para evitar a interrupção do acesso à rede bem como dos serviços que oferta à comunidade (gráfica, impressão, digitalização, entre outros), o jovem começou a buscar alternativas para viabilizar a chegada do sinal juntamente com um colega da comunidade de Mocajuba. Entre as possibilidades seria instalar uma antena profissional de médio porte para que, além de ampliar a captação do sinal de internet em casa, fosse possível distribuir o sinal para uma faixa de cinco quilômetros de distância, o que cobre praticamente toda a comunidade de Rio Furtados. Para isso, inicialmente Jovem 1 se tornou sócio do amigo, mas posteriormente o investimento foi feito somente pelo jovem com ajuda de seus familiares. A referida antena foi instalada em julho de 2016 e, no período da pesquisa de campo, Jovem 1 estava organizando como faria a comercialização do sinal para os moradores da comunidade, que em sua leitura trará benefícios para Rio Furtados:

... vai ajudar bastante. Assim, se comunicar, porque às vezes aqui mesmo, *dentro do rio*, é complicado se comunicar. (Informação dada por Jovem 1 por meio de entrevista, grifo nosso).

Ao perguntarmos se a comunidade está “pronta” para receber internet, o jovem afirmou:

Há muito tempo. Acho que, como eu te falei, falam: “Ah, o pessoal moram, no fim do mundo”. Faz muito tempo que isso não se aplica pra gente. Acho que, como diz, a gente tá preparado há muito tempo pra ter internet. E a

---

13 Jovem 1: sexo masculino, tem 21 anos e sempre residiu na comunidade Rio Furtados. Está cursando a graduação em Pedagogia, possui perfil empreendedor e se configura com um microempresário da comunidade, pois tem uma gráfica de pequeno porte para atendimentos diversos (impressões, digitalizações, pesquisas escolares etc.).

maioria das pessoas precisa. (Informação dada por Jovem 1 por meio de entrevista).

A forma como a “chegada” da internet ocorrerá na comunidade é indicativo claro, tal como ocorreu no caso da energia elétrica, de como as dinâmicas nessas localidades são tecidas quase que na contramão das políticas públicas estaduais e nacionais. Esses são indícios do que é possível ser encontrado no “Brasil profundo”. Novamente, a inserção da comunidade em uma nova condição de consumo será liderada por seus próprios moradores e isso significa que antes mesmo de terem acesso aos serviços regulares de telefonia móvel (ofertado pelas operadoras de celular), será o acesso à conexão do tipo banda larga (distribuída pela antena por um jovem residente) que vai viabilizar a comunicação sincrônica na comunidade, a partir, sobretudo, do uso de aplicativos como WhatsApp que permitem o contato por voz via internet.

#### *Os jovens de Rio Furtados*

Os jovens entrevistados e participantes da dinâmica de grupo realizada na igreja possuem perfil heterogêneo, com idades entre 13 e 26 anos, de ambos os sexos e níveis de escolaridade variados. Entre as atividades de lazer mencionadas por eles se destacam: a participação em encontros de família, celebrações religiosas e festas da comunidade; jogos de futebol no campinho da comunidade; festas de aparelhagem na comunidade e em localidades vizinhas, incluindo Cameté; conversar com amigos e familiares; dançar. Mas estão presentes os programas televisivos, como telenovelas e conteúdo esportivo, e músicas de diversos gêneros, especialmente o sertanejo e gospel.

Algo que caracteriza o perfil dos jovens é o sentimento de pertencimento ao local de origem e a estreita relação com a família. Em praticamente todas as entrevistas, os jovens mencionaram a importância dos pais, avós, primos e irmãos em sua formação. O pertencimento à comunidade também ficou evidenciado no relato dos jovens assim como nas práticas observadas durante o convívio em Rio Furtados. Além da efetiva participação deles em atividades coletivas na comunidade, como jogos de futebol no campinho, celebrações religiosas e festas, observamos que alguns jovens atuam como voluntários em diversos setores da vida na comunidade, desde organização e preparação de espaços para festividades (não apenas de Rio Furtados, mas de localidades vizinhas até atuação direta nas celebrações). Isso se aplica inclusive para os jovens que não moram na comunidade, mas que retornam praticamente todos os finais de semana para

rever a família e colaborar nas atividades. Nesse contexto, os meios de comunicação, especialmente o celular, se configuram como forma de manter contato quase que diário com os familiares que residem na comunidade.

A limitação de acesso, porém, não impede que os jovens possuam celulares do tipo *smartphone* e estabeleçam práticas de entretenimento ainda que *offline*. Dos dez entrevistados, nove têm celular. O seu uso, incluindo os do tipo *smartphone*, sem internet e sinal de telefonia, é considerado normal pelos jovens da comunidade.

Observamos que o aparelho celular se configura como dispositivo individual de entretenimento. É nesse dispositivo que os jovens “armazenam” suas preferências, desde jogos favoritos, músicas e fotos tiradas no dia-a-dia. No caso dos jovens da comunidade, porém, esse uso, apesar de ser dinamizado pelo acesso aos serviços de telefonia não é determinado pela disponibilidade dos mesmos. Além disso, por conta disso, o acesso às redes sociais (principalmente Facebook, WhatsApp e YouTube) existe, mas não se configura como uma prática diária rotineira, exceto no caso dos que moram na cidade, e de Jovem 1, que tem internet em casa. O uso do computador também é reduzido entre os jovens de Rio Furtados.

Entre os entrevistados, incluindo os adultos, a TV foi mencionada como meio de lazer das famílias, já que costumavam se reunir para assistir à programação. Mesmo quando não tinham acesso à energia, o gerador das casas era ligado à noite para que tivesse luz nos cômodos da casa e ainda para viabilizar que a família se reunisse para ver TV por algumas horas, geralmente, durante o jornal e a telenovela.

Essa prática, sem dúvida, ainda está presente entre os moradores da comunidade, mas com a “chegada” da energia e o acesso a outros dispositivos como o celular, os hábitos mudaram, especialmente, entre as novas gerações. Muitos dos jovens entrevistados comentaram como era assistir TV quando eram crianças e registraram a lembrança do uso do gerador. Entretanto, é na descrição de seus hábitos de consumo segmentados por conteúdos de interesse, que se dão de modo convergente com outras mídias, que ficam evidentes as suas práticas. Dentre as fontes de informação local, os jovens da comunidade citaram o rádio ainda que esse não seja o foco da maioria daqueles que acompanham a programação radiofônica, por ter preferência por programas musicais.

Outro ponto relevante é que os jovens estão acostumados a “gerenciar” os conteúdos que fazem uso no celular de acordo com a disponibilidade de sinal e

necessidades/interesses de consumo. Um exemplo nesse sentido foi de uma jovem da comunidade que por se deslocar semanalmente para o centro urbano de Cametá, para atividades da Faculdade, se organiza para nesse dia, acessar e, se necessário, fazer *download* de conteúdos para assistência em Rio Furtados.

### **Considerações finais**

A construção da hidrelétrica de Tucuruí<sup>14</sup> está diretamente relacionada a uma série de mudanças que ocorreram na comunidade Rio Furtados, assim como em outras localidades de Cametá. Podemos apontar os empregos gerados, mas também a poluição e alteração no ecossistema. Para o Adulto 1, tudo está acabando na comunidade e hoje, alguns moradores precisam comprar açaí, um dos principais frutos disponíveis na região, pois as árvores estão morrendo. Contudo, não é somente dessa forma que a hidrelétrica marca a vida na comunidade.

Como mencionamos, a chegada da energia elétrica também foi possível por conta da iniciativa dos moradores em financiar e concretizar as torres e a fiação necessária para esse fornecimento diretamente da hidrelétrica. O mesmo vem acontecendo com a telefonia e o acesso à internet, que por meio de iniciativas dos próprios residentes da comunidade vem se realizando. É importante dar destaque a essa questão porque é uma das formas de pensarmos as diferentes temporalidades dos contextos vividos pelos jovens que tivemos contato.

Isso porque, mesmo com acesso reduzido à internet e antes da energia elétrica, os jovens de Cametá não deixavam e não deixam de ter o seu dia-a-dia configurado pelas suas práticas de consumo de mídia, incluindo hoje as práticas *online*. Essas restrições não impedem o consumo, mas ajudam a configurar especificidades desse contexto. Sobre isso, identificamos que os jovens segmentam os usos das mídias conforme seus interesses. Dentre eles, destacam-se a busca por notícias locais, mas também sobre outros contextos, como cotidiano de famosos, bem como sobre entretenimento, como esportes e séries televisivas.

---

<sup>14</sup> “As obras da UHE Tucuruí foram iniciadas em 24 de novembro de 1975, durante o regime militar no Brasil, e a usina foi inaugurada, oficialmente, em 22 de novembro de 1984. O objetivo era produzir energia para o Programa Grande Carajás (...), além de pretender integrar a Amazônia ao restante do país. Cabe destacar que a implementação de grandes projetos na Amazônia foi resultado da política de integração desse vasto território, patrocinada pelo Governo Federal. Para o governo, a energia era estratégica e decisiva para a ocupação espacial. Ressaltamos, também, que a implantação desses projetos, como o da hidrelétrica, incentivava a migração de contingentes populacionais de outras regiões em busca de melhores condições de vida” (SILVA, 2013, p. 48).

Essas práticas também são configuradas pelas questões familiares, os conflitos de geração, a educação e a ocupação formal, a religião, o lazer e o sentimento de pertencimento à comunidade, ao município e ao coletivo. Destaca-se na fala dos jovens o senso de coletividade que eles mantêm com os demais da comunidade. Praticamente todos se referiam sempre como parte de um todo, com o qual têm relação clara de afeto e pertencimento. Muitos dos entrevistados integram um círculo comum de convivência, logo compartilham de pensamentos e práticas comuns. Entretanto, os que não possuem tal característica também deixam o sentido comunitário perceptível. Assim, o consumo midiático dos jovens não está desatrelado de suas relações cotidianas. O que tece todo o processo é a comunicação que nos constituem enquanto sujeitos e enquanto sociedade.

Enquanto antes mesmo da energia elétrica chegar, a TV já era uma forma de se reunir. O uso de celulares, incluindo os do tipo *smartphone*, sem internet e sinal de celular, é considerado normal pelos jovens da comunidade. Hoje, eles são dispositivos individuais de entretenimento que oportunizam o acesso e o armazenamento de conteúdos. Pois, quando estão *online*, os jovens buscam, principalmente por meio de redes sociais, formas e conteúdos para compartilhar com seus círculos familiar e de amizade, mesmo que de maneira programada para os momentos em que deslocam para o centro urbano, com o intuito de trabalhar, estudar ou outro motivo. Percebemos que, mesmo que o uso do dispositivo seja individual, retorna ao coletivo na proposta de compartilhar. Assim, em nossa experiência de pesquisa, o celular suscita aprofundamentos sobre os seus usos – desdobramentos previstos para outros trabalhos.

## REFERÊNCIAS

DONOS DA MÍDIA. **Veículos de comunicação - Pará**. Disponível em: <<http://www.donosdamidia.com.br/veiculos>>. Acesso em: 09 jan. 2013.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens** – Para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

FRANÇA, Vera. Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 61-88.

FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula Guimarães. Interação. In: FRANÇA, Vera; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo. **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: FAFICH-PPGCOM- UFMG, 2014. p. 101-104.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/resultados>>. Acesso em: 09 mai. 2012.

MALCHER, Maria Ataíde; RODRIGUES, Ronaldo de Oliveira; MIRANDA, Marcilene do Carmo Oliveira; MIRANDA, Fernanda Chocron; LOPES, Suzana Cunha. **Jovens em tempo de convergência**: resultados de um estudo exploratório no Pará-Amazônia-Brasil. Belém: EditAEDi, Universidade Federal do Pará, 2016 (no prelo).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MILLER, Daniel. The Poverty of Morality. **Journal of Consumer Culture**, Londres, v. 1, n. 2, p. 225-243, 2001.

\_\_\_\_\_. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p.33-63, jul./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MIRANDA, Marcilene do Carmo de Oliveira. **Práticas comunicativas em ambientes performativos de aprendizagem**: um estudo com jovens em Cametá. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

PACHECO, Agenor Sarraf. **À Margem dos “Marajós”**: cotidiano, memórias e imagens da “Cidade-Floresta” – Melgaço-PA. Belém: Paka-Tatu, 2006.

ROCHA, Everardo Pereira Guimarães. **Culpa e prazer**: imagens do consumo na cultura de massa. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 123- 138, mar. 2005.

SILVA, Edenice Pereira da. **Processos comunicacionais em Cajazeirinha**: estudo Exploratório em Ilhas do Lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

SLATER, Don; MILLER, Daniel. Moments and Movements in the Study of Consumer Culture. A discussion between Daniel Miller and Don Slater. **Journal of Consumer Culture**, Londres, v. 7, n. 1, 2007.